



Gutenberg inventou a imprensa? Uma desconstrução do determinismo tecnológico da impressora de tipos móveis

RODOLFO STANCKI

UniBrasil - Centro Universitário – stancki@gmail.com

Professor pesquisador do curso de Jornalismo do UniBrasil - Centro Universitário e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo

O surgimento da impressora de tipos móveis de Johannes Gutenberg, no século XV, se tornou um dos eventos mais citados e analisados na história da comunicação. A afirmação de que o invento se tornou um divisor de águas, porém, pode ser interpretada como um olhar determinista sobre um artefato tecnológico. Este artigo busca desconstruir a ideia de que Gutenberg foi um revolucionário, a partir de apontamentos de historiadores sobre as técnicas e tecnologias de impressão que culminaram na ascensão do mercado editorial no século XVI.

Palavras-chave

Jornais impressos, determinismo tecnológico, Johannes Gutenberg.

Abstract

The invention of printing press by Johannes Gutenberg in the fifteenth century became one of the most quoted and analyzed in the history of communication events. The claim that this invention has become a turning point of the mass media, however, can be interpreted as a deterministic look at a technological artifact. This article seeks to deconstruct the idea that Gutenberg was a revolutionary with the help of authors who study techniques and printing technologies that culminated in the rise of the publishing market in the sixteenth century.

Keywords

Newspapers, technological determinism, Johannes Gutenberg.

Artigo recebido em 15 de outubro de 2015

Aprovado em 01 de dezembro de 2015

Em a Galáxia de Gutenberg (2002), o teórico da comunicação Marshall McLuhan afirma que a invenção da imprensa no século XV foi responsável por alterar drasticamente os rumos políticos da Europa. Na medida em que abriu espaço para as revoluções burguesas e, por consequência, para os regimes democráticos, o invento de Johannes Gutenberg seria um marco histórico tão importante para a humanidade quanto o surgimento da escrita.

Como visão histórica da tecnologia, a linha de raciocínio de McLuhan parece hoje bastante determinista. A impressora de tipos móveis realmente foi relevante para a criação de um mercado editorial e de uma nova esfera pública de debate político. Porém, a avaliação de que ela, sozinha, deu início a uma nova era social deve ser problematizada.

A própria afirmação de que a imprensa foi criada por Gutenberg parece simplificar o debate. O inventor alemão não foi o único, nem mesmo o primeiro, a trabalhar com tecnologias de impressão. Por toda a Europa, e fora dela, foram registradas iniciativas de desenvolver novas técnicas para reproduzir livros, informativos e panfletos religiosos. A China talvez tenha sido pioneira no campo, como veremos adiante.

O objetivo deste artigo é desconstruir a ideia de que Gutenberg teria sido um gênio por trás da invenção da imprensa. Ao contrário do que afirmam tratados clássicos de história da comunicação, o inventor não foi um visionário, que revolucionou a sociedade moderna com sua criação. Pelo menos não de forma tão inédita e sem a ajuda de condições favoráveis da época em que viveu.

Este texto parte de apontamentos de historiadores sobre técnicas e tecnologias de impressão que culminaram na ascensão do mercado editorial no século XVI, cujo sucesso foi posteriormente creditado à Gutenberg. Após a apresentação do contexto em que o maquinário alemão foi inventado, contrapomos a ideia de autoria e genialidade do inventor e discutimos como a circulação de informações ainda dependeria de outros fatores históricos para se tornar uma indústria de massa profundamente influente.

1. Visionário da Mogúncia?

Apesar de ser amplamente adotado nas faculdades brasileiras de Jornalismo, o livro “A Evolução da Comunicação - Do Sílex ao Silício”, organizado por Giovanni Giovanninni não deve ser considerada uma obra com complexidade na abordagem do tema tecnologia. A escolha do autor italiano por narrar o “avanço” da comunicação humana a partir de artefatos tecnológicos é bastante linear. Na maioria das vezes, a narrativa busca mostrar como uma invenção sempre parece ser naturalmente substituída pela outra.

Parece agora, no nosso tempo, que nessa relação causa-efeito a inovação tecnológica está se tornando cada vez mais acelerada, cada vez mais dependente da exigência da sociedade, cada vez mais sustentada autonomamente (GIOVANNINNI, 1987, p. 15).

No primeiro capítulo, essa relação de casualidade é trabalhada a partir de artefatos como a argila, o papiro e o pergaminho. Sempre com uma abordagem evolutiva, apontando as vantagens de uma determinada técnica de comunicação em detrimento da outra: “a argila fresca não presta para a escrita linear” (p.42); “o papiro constituía uma base leve, porém consistente e, portanto, mais fácil de transportar” (p. 36); e “o pergaminho tinha vantagem, com relação ao papiro, de ser mais resistente e, ao mesmo tempo, de ter uma flexibilidade maior” (p.53).

Intitulado “Gutenberg: a maravilhosa invenção”, o segundo capítulo é inteiramente dedicado ao processo de consolidação da impressora de tipos móveis do inventor alemão, que vivia na região da Mogúncia. A narrativa começa com uma extensa biografia de Johannes Gutenberg, que teve uma experiência como ourives antes de conseguir o financiamento para a elaboração de sua máquina de imprimir. “Qual era o segredo de Gutenberg, e que lhe permitia conseguir a subvenção de outras pessoas para fins comerciais?” (p. 92), questiona o autor, em uma leitura visionária sobre o personagem histórico.

Na sequência, o texto parte para uma descrição das técnicas de impressão que foram creditadas ao inventor. A partir da elaboração de caracteres feitos de metal derretido, ele construiu um maquinário cuja base era uma prensa de uvas usada na fabricação de vinhos.

A prensa fazia força contra uma placa de metal ou de madeira, que reunia os caracteres em formação de frases. Na primeira experiência registrada de Gutenberg,

segundo Giovanninni, havia 42 linhas de texto em cada página, que eram organizadas como se fosse um espelho refletido. Depois que o inventor passava tinta nos caracteres, ele pressionava a placa contra uma folha de papel que imprimia a página pronta.

O primeiro sucesso comercial de Gutenberg foi a Bíblia de 42 linhas. Segundo o historiador italiano, o ourives virou uma espécie de mártir por precisar vender a tecnologia para pagar contas de sua ousadia¹. O autor também louva a invenção por sua originalidade, apesar de reconhecer que ela se apropria de outras técnicas e tecnologias disponíveis no período. “Não existe nada igual ao nascimento da imprensa” (p. 14), escreve na introdução do livro.

Um dos primeiros pontos a serem desconstruídos aqui é a ideia de que Gutenberg inventou sozinho o aparelho. Ele havia tido contato com um sistema sofisticado de xilografia que, de acordo com o próprio Giovanninni, ainda estava inacabado e apresentava vários conceitos semelhantes ao seu projeto de impressão.

Em “Uma história social da mídia”, os historiadores Peter Burke e Asa Briggs (2006) reforçam essa ideia de que a imprensa criada em 1450 estava longe de ser inovadora. Isso porque na China e no Japão, tecnologias de impressão eram usadas desde o século VIII, “se não antes” (p. 24).

Para os autores, fatores culturais e a própria condição dos ideogramas orientais, que utilizavam milhares de sinais diferentes em vez de um alfabeto de caracteres limitados, podem ter contribuído para que as impressoras ficassem restritas a determinados grupos sociais. Há registros, no entanto, de que no início do século XV, anos antes do invento da Mogúncia, os coreanos criaram um sistema que usava tipos móveis “de uma quase alucinatória similaridade àqueles de Gutenberg” (MARTIN apud BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24).

Em sua linearidade narrativa, Giovanninni não exclui a possibilidade de que a impressora de tipos móveis tenha surgido como resposta a uma demanda social muito específica. O reaparecimento das cidades no fim da Idade Média e o consequente surgimento das universidades teria ocasionado um interesse coletivo por publicações. O problema é que o processo de produção de livros era caro, demorado e manual.

¹ Essa imagem também é retratada no minidocumentário “Johannes Gutenberg e a Máquina de Impressão”, do seriado televisivo “Grandes Momentos da Ciência e Tecnologia”.

Antes de 1450, a produção de livros era feita de forma artesanal. A partir da metade do século XIV já podia ser considerada uma indústria, formada em oficinas. Nessa época, “o artesão escriba começou a produzir manuscritos não apenas sob encomenda, mas também para colocá-los no livre mercado” (GIOVANNINI, 1987, p. 77).

As técnicas de editoração desse período, e do posterior à invenção da impressora de Gutenberg, eram passadas por meio de tratados que registravam as práticas de cada artesão-livreiro. Para o historiador italiano Paolo Rossi, essas obras eram verdadeiros manuais de trocas de procedimentos do trabalho de artistas e mecânicos.

No livro “O nascimento da ciência moderna na Europa” (2001), Rossi explica que os espaços de ofício de figuras como Gutenberg naturalmente usavam conhecimentos obtidos de outras áreas. Afinal, as corporações de ofício do século XV e XVI, de um modo geral, funcionavam como espaços interdisciplinares, em que os trabalhadores usavam de diversos tipos de saberes para alcançar um determinado fim.

Praticamente contemporâneo de Gutenberg, o maior representante desses personagens que dominavam múltiplas formas de conhecimento foi Leonardo Da Vinci. O artista da Renascença era plural em seu repertório de habilidades e deixou um grande número de produções artísticas, arquitetônicas e bélicas.

O exemplo de Da Vinci é a base da tese de Rossi, que afirma que, nesse período, houve um distanciamento entre a arte e a ciência, que até então andavam juntas. É nesse momento que surgem manuais técnicos compilando as praxes das corporações de ofício para mineração, lavoura e jardinagem, entre outros.

Esses tratados acabaram consolidando um tipo de produção bibliográfica que passava de artesão para artesão. Por estarem preocupados apenas com aspectos técnicos, os escritos diferiam significativamente do que era produzido pelos letrados, chamados assim por dominarem o latim.

Não por acaso, no início do século XVI, havia máquinas de impressão usando técnicas semelhantes às de Gutenberg em mais de 250 lugares da Europa (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24). Uma estimativa baixa de historiadores afirma que, por volta de 1500, as impressoras ocidentais produziram cerca de 13 milhões de livros, que somavam aproximadamente 27 mil títulos diferentes.

É evidente que essa quantidade enorme de publicações alterou o *status quo* europeu. Asa Briggs e Peter Burke apontam inicialmente para o surgimento de rotas de informações em papel e, depois, para uma apropriação das tecnologias pelos estados, citando como exemplo o imperador Carlos V.

O nascimento de um mercado editorial baseado na tecnologia de impressão também modificou as relações sociais na região. Veneza e Florença se tornaram centros de produção literária, que difundiam publicações novas, traduções de clássicos e inúmeros outros títulos.

A apropriação da tecnologia de impressão por Martinho Lutero é um exemplo apontado por Briggs e Burke sobre o surgimento de uma nova esfera pública de debate, controlada por interesses de distintos grupos sociais. A partir de cartazes, panfletos e a bíblia traduzida do latim, o líder da reforma protestante criou um espaço novo de discussão social:

Nos primeiros anos do movimento, os vigorosos debates ocorridos, primeiro na Alemanha e depois em outras partes da Europa, sobre as funções e os poderes do papa e da Igreja e a natureza da religião deram uma contribuição importante para a emergência do pensamento crítico e da opinião pública (2006, p. 82).

Os espaços de discussão pública no século XVI existiam aos montes. Mesmo com materiais impressos. O historiador Mitchell Stephens, em seu livro “História das Comunicações”, afirma que desde a Roma Antiga panfletos com informações oficiais do Império eram publicadas em praças e edifícios oficiais. Tais documentos eram chamados de *Actas Diurnas*.

Os cafés, por outro lado, eram locais de profunda difusão de informações, em que oradores passavam as novidades vindas de diversas partes do mundo. Na Inglaterra, estimulados pelo consumo do café (que entrou no país mais ou menos na mesma época), a bebida aproximava “homens loquazes (a presença de mulheres não era permitida do lado de dentro) com todas as notícias que traziam consigo” (STEPHENS, 1993, p. 99).

As tecnologias de impressão semelhantes às de Gutenberg ampliaram o alcance dessas informações. Burke e Briggs ressaltam como isso afetou a prática da leitura, hábito que se expandiu de forma intensa no período, incentivada pelo crescente mercado livreiro, interessado no lucro da venda de novos títulos.

O jornal diário surge em fins do século XVI e início do século XVII para servir de veículo noticioso e dar suporte aos debates sociais. De acordo com o jornalista Roger Parry (2012), as primeiras publicações desse tipo aparecem nas cidades-estados do norte da Itália. A expressão *gazeta* era uma referência a uma pequena moeda de ouro, que levava o mesmo nome e era o valor cobrado em cafés em que se debatiam as notícias.

Muitas gazetas passaram a ser publicados diariamente, sempre com novas informações de “interesse público” - selecionadas por certos grupos políticos. Parry afirma que, em conjunto com a formação do mercado de trabalho no período, os jornais acabariam a definir a noção de tempo dos europeus.

Em seu livro “Costumes em Comum”, o historiador da nova esquerda inglesa² Edward Palmer Thompson afirma que, antes da modernidade, o tempo era medido por ciclos domésticos, religiosos ou familiares. A situação muda quando as relações trabalhistas passam a se apropriar do tempo como parte de uma relação financeira.

Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão de obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta (THOMPSON, 1998, p. 272).

Na perspectiva de Parry, que pode não ser compartilhada com outros pesquisadores do período visto que o autor não é exatamente um historiador, o jornal impresso surge para contribuir nessa medição do tempo apontada por Thompson. A notícia tem um ciclo temporal de circulação, pois determina aquilo que é importante para a sociedade e, pouco tempo depois, fica obsoleta diante de questões mais urgentes.

O imediatismo e o alcance do jornal são ampliados na medida em que novas tecnologias de impressão surgem na Revolução Industrial. A partir do século XVII, verifica-se um vertiginoso aumento nos índices de alfabetização e nas relações comerciais. “A nova classe mercantil ansiava por informações úteis para seus negócios. As comunidades locais também queriam que seus veículos refletissem seu crescente senso de autonomia” (PARRY, 2012, p. 137).

A fabricação de papel barato, o uso de maquinários como a rotativa, que imprimia milhares de exemplares em algumas horas, e do linotipo, que permitia uma

² Movimento intelectual de esquerda, alinhado aos movimentos sociais e políticos da década de 1960.

escrita mecânica e automática que dispensava a placa de tipos móveis, fizeram com que os jornais atingissem vendas astronômicas por volta de 1850.

Flora Süssekind, em “O Cinematógrafo das Letras”, ressalta que a máquina de escrever foi uma tecnologia que influenciou na produção da escrita. A autora avalia que a técnica de datilografar era vista com maus olhos pelos escritores, mas facilitava o processo de impressão industrial, como o que era usado nos jornais.

De qualquer forma, as relações que geraram a sociedade moderna, letrada e pronta para enfrentamentos políticos e revoluções, não devem ser entendidas como uma sucessão de acontecimentos desencadeados por Gutenberg. Muito menos como um aparato que determinou os rumos de movimentos como a Reforma Protestante, a Revolução Gloriosa e a Revolução Francesa. A tecnologia de impressão, não apenas a do inventor alemão, foi apenas parte de um contexto mais amplo.

Referências bibliográficas

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. De Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na Comunicação**. Do Sílex ao Silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

PARRY, Roger. **A Ascensão da Mídia**. A História dos Meios de Comunicação de Gilgamesh ao Google. São Paulo: Elsevier, 2012.

ROSSI, Paolo. Engenheiros & Coisas Jamais Vistas. In: **O nascimento da ciência moderna na Europa**. São Paulo: EDUSC, 2001.

STEPHENS, MITCHELL. **História das comunicações**. Do Tantá ao Satélite. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

SÜSSEKIND, Flora. **O cinematógrafo das letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Filmes

JOHANNES Gutenberg e a Máquina de Impressão. **Grandes Momentos da Ciência e Tecnologia**. Dir: Werner Kiefer. YouTube, 2013 (15 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PuTnW9kyKg0>>. Acesso em 19 de outubro de 2015.